

161

Volta a confiança na economia

Brazil

Empresas retomam investimentos para aproveitar a expansão do mercado interno e também para exportar

Ricardo Leopoldo
Da equipe do *Correio*

São Paulo — A retomada do crescimento da economia — segundo o governo, o PIB crescerá 4% neste ano — está fazendo com que grandes empresas aumentem os investimentos em suas fábricas. A Companhia Siderúrgica Nacional, CSN, ampliará em 13% a aplicação de recursos, de R\$ 885 milhões em 1999 para R\$ 1 bilhão em 2000. Boa parte da verba será destinada à modernização da usina de Volta Redonda (RJ). “Este é o momento de maior entusiasmo das corporações com o Brasil desde o lançamento do Real em julho de 1994”, comenta Luis Fernando Lopes, economista-chefe do banco Chase Manhattan.

Para analistas como Lopes, as empresas têm bons motivos para começarem a se empolgar. A inflação está sob controle, o governo vem gastando menos do que arrecada e os juros devem cair para níveis internacionais em 2002. A tendência das taxas é de queda, pois elas eram mantidas até o ano passado em níveis muito altos para sustentar a sobrevalorização cambial. Como o governo foi forçado a depreciar o real em janeiro de 1999, não há mais razão para adotar políticas monetárias bem apertadas. “Com o avanço da economia, inclusive nas contas públicas, as companhias conseguem traçar cenários sobre a evolução do Brasil para os próximos dois, três anos”, diz o executivo do Chase.

Na prática, as empresas que estão investindo podem ser divididas em dois segmentos. Num deles, estão as exportadoras, como a Vale do Rio Doce (CVRD), que vêm aumentando as receitas com grande apoio da mudança no câmbio. Num outro grupo estão as companhias que atuam no mercado interno e vêm se preparando para atender o aumento do consumo, puxado pelo avanço do crescimento do país.

Nesse grupo estão fabricantes de vários setores, de alimentos a roupas. “É por isso que as empresas estão expandindo suas fábricas e desenvolvendo novos produtos a partir de agora”, afirma Luis Fernando Lopes. “Como o mercado está muito competitivo, quem não estiver produzindo no momento certo com custos baixos perderá faturamento”.

INDÚSTRIAS DE BASE

Um dos indicadores mais fortes da confiança das grandes empresas na expansão do país está nos investimentos das indústrias de base, que atuam em áreas vitais como energia, petróleo, gás e transportes. Em 1999, as obras iniciadas nesse setor representaram um total de R\$ 24 bilhões. Elas serão responsáveis pela contratação de 20 mil técnicos especializados, como engenheiros, com salário médio de R\$ 2 mil. Este ano, o número de empreendimentos aumentará. Eles representarão investimento total de R\$ 33,6 bilhões. Tais projetos vão

criar 30 mil postos de trabalho qualificados. “Com a expansão de setores como telecomunicações, energia e transportes estamos vivendo o melhor momento da história da infra-estrutura do país”, comenta José Augusto Marques, presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Base (Abdib). “As perspectivas para 2000 vistas hoje são bem melhores do que imaginávamos no final do ano passado.”

Para José Marcos Treiger, gerente-geral de relações com os investidores da siderúrgica CSN, a produção industrial do país deverá crescer 8% este ano. Em 2000, segundo o executivo, aumentarão em 20% as vendas do aço galvanizado, um tipo sofisticado, utilizado pelas montadoras de automóveis e na construção civil.

Para atender esse aumento de demanda, a empresa reduzirá a participação das exportações no seu faturamento global. Em 1999, elas representaram 35% das receitas brutas, número que cairá para 25% em 2000. A CSN também destinará, até dezembro, R\$ 770 milhões somente para reformar duas unidades produtivas em Volta Redonda, o que deverá gerar dois mil empregos. Um dos alvos das obras é modernizar um alto forno onde é fabricado ferro gusa. “Além de garantir uma vida útil de 20 anos ao equipamento, a iniciativa visa ampliar o controle ambiental da usina Presidente Vargas”, diz Treiger.

A Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), um dos maiores grupos empresariais do país, também fará investimentos pesados este ano. A quantia de recursos saltará de R\$ 589 milhões no ano passado para R\$ 1,65 bilhão em 2000, o maior volume aplicado na história do conglomerado.

De acordo com a CVRD, 82% do dinheiro serão dedicados às áreas mais importantes da empresa, como a produção de minerais ferrosos (inclui ferro e manganês) e logística. A companhia é uma das principais donas de ferrovias no país e aplicará R\$ 184 milhões em três empresas do setor, uma delas é a Ferroban, que corta todo o estado de São Paulo. A Vale é uma grande exportadora, mas também vai se beneficiar com o aumento da atividade das indústrias no Brasil. Ela fornece matérias-primas para grandes siderúrgicas, como Usiminas, que atende montadoras como a Fiat. “A empresa também vai reforçar a área de transporte ferroviário, tanto para ser utilizado por ela e por outras companhias”, comenta Márcio Lins, analista do banco Pactual.

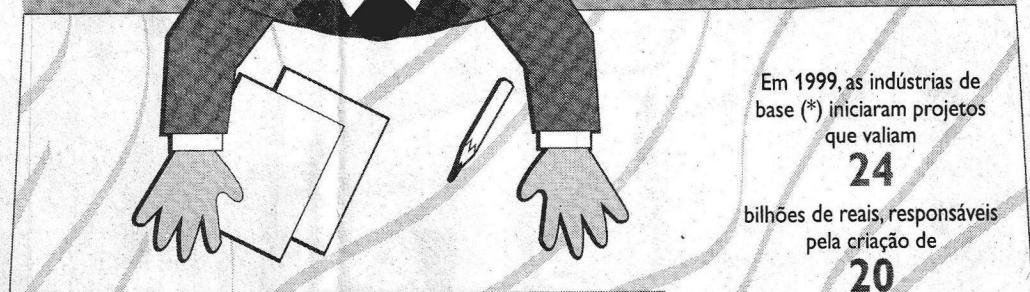
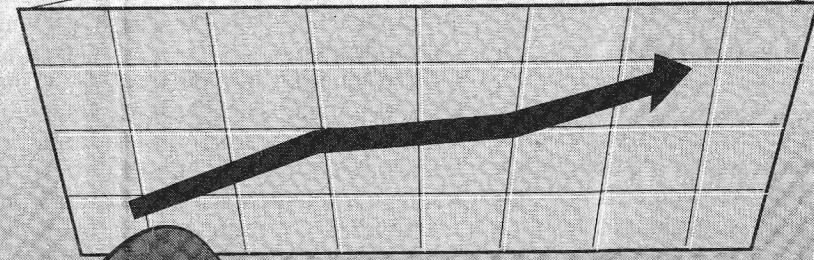
GÁS E TECNOLOGIA

A expansão das indústrias este ano fará com que grandes empresas de energia também realizem elevados investimentos. A Comgás, companhia de gás que atende 30% do estado de São Paulo, vai duplicar a distribuição do combustível pelo interior paulista. A empresa gastou R\$ 70 milhões em 1999 para am-

A APOSTA DOS GRANDES

Evolução dos investimentos de algumas das maiores empresas instaladas no país

Em R\$ milhões



Em 1999, as indústrias de base (*) iniciaram projetos que valiam

24

bilhões de reais, responsáveis pela criação de

20

mil empregos especializados. A média dos salários foi de

2

mil reais. Neste ano, as empresas do setor deverão iniciar obras com valor de

33,6

bilhões de reais, que deverão gerar

30

mil postos de trabalho qualificados.

Editoria de Arte/Amaro Jr.

Marcos Fernandes 23.12.99



Lopes, do Chase Manhattan: já é possível traçar cenários para três anos

pliar sua rede em 168 quilômetros. Este ano, a cobertura aumentará em 320 quilômetros, uma expansão de 13% sobre os atuais 2.400 quilômetros. Os R\$ 140 milhões gastos nessas obras civis deverão criar 1.800 empregos. Desde julho, um quarto do produto revendido pela empresa vem do gasoduto Brasil-Bolívia, projeto que já consumiu R\$ 2 bilhões do Tesouro Nacional.

A Comgás vai expandir sua rede na região de Campinas, o en-

dereço de indústrias de produtos sofisticados, como a Compaq (computadores), Motorola (aparelhos celulares) e Lucent (equipamentos de telecomunicações). Devido ao aumento da demanda das fábricas, o faturamento da ex-estatal aumentou 24% no primeiro trimestre em relação ao mesmo período do ano passado. “Vamos explorar o rico potencial do interior paulista”, comenta Sérgio Paes, gerente de vendas. Várias com-

panhias preferem o gás natural, pois ele melhora a qualidade da produção, não polui e reduz custos; é 10% mais econômico que o uso de óleos para caldeiras.

Como reflexo do aumento da produção industrial do início do ano, as fábricas também vêm ampliando o consumo de energia elétrica no país. No estado de São Paulo, ocorreu uma elevação de 6% de janeiro a março em comparação com o mesmo período de 1999.

Este é um número alto, mesmo levando em consideração o baixo desempenho da economia há doze meses, quando o país parou devido às incertezas provocadas pela desvalorização do real. “Na Inglaterra, o aumento de consumo é de 0,5% ao ano”, comenta Eduardo Bernini, presidente da VBC, holding que controla algumas das principais empresas do setor no país, como a CPFL, Bandeirante e Rio Grande Energia. “Nosso faturamento vai crescer este ano em ótimos níveis”, afirma. Analistas de mercado apontam que a taxa chegará a 4,5%. Como a CPFL e a Bandeirante somaram R\$ 5,5 bilhões de receitas brutas em 1999, a expansão representa um aumento dos negócios de R\$ 250 milhões.

Para enfrentar a elevação da demanda, a VBC investirá R\$ 250 milhões este ano, especialmente na rede de subestações e de distribuição de energia. A empresa, via CPFL, também deverá dedicar R\$ 440 milhões no desenvolvimento da termoelétrica de Carrioba, localizada no interior paulista. “Estamos empenhando recursos elevados para atendermos 16 milhões de pessoas no estado, metade da população paulista”, afirma Bernini.